UNIVERSIDADE DE COIMBRA FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

11 INSCRIÇÕES 44-48



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA COIMBRA 1985 FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O FICHEIRO EPIGRÁFICO publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of CONIMBRIGA whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even been ommitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'ENCARNAÇÃO Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA

Maria Manuela Alves DIAS Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

Suplemento de Conimbriga ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto "VBI ERAT LVPA" (2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.





ARA VOTIVA DE LONGROIVA (MEDA)

(Conventus Scallabitanus)

Гото 44

Esta ara, de granito de grão médio, apareceu em 1977 na capela dedicada à Senhora do Torrão, em Longroiva (¹). Quando foi necessário fazer obras de restauro no altar em talha, descobriu-se este monumento que, desde a consagração do templo em 1145 (conforme documento encontrado) fazia de «pedra de ara» cristã, com a face epigrafada virada para a parede. Posteriormente, no mesmo templo, foi aproveitada para servir de coluna de suporte a um novo altar em pedra, um pouco afastado do anterior (seguindo os novos rituais), mas mantendo a orientação.

Apresenta um desgaste bastante acentuado, que é mais notório nas arestas. Além disso, a face escolhida para suporte da inscrição é ligeiramente convexa, o que dificulta ainda mais a leitura.

O capitel tem um pequeno listel seguido de três toros. Sabe-se que existia uma pequena cavidade em cima (onde estavam guardadas as relíquias e a memória da consagração do templo), embora pudesse não se tratar de um fóculo.

⁽¹) Tivemos conhecimento deste monumento através do P.º Élio Ramos, de Marialva, a quem agradecemos a informação. Agradecemos também ao P.º António Amante, de Longroiva, que nos possibilitou o seu estudo.

A base tem um só toro, seguido do soco.

Dimensões: capitel — 16(?) \times 36 \times 32

fuste — 46 \times 29 \times 26,5

base $-18 \times 39 \times 34$

Campo epigráfico: 46×29 .

Quinto Júlio Montano, soldado de cavalaria da VII Legião Gémina Félix, cumpriu de boa vontade o seu voto a Bande Longóbrico (ou Oncóbrico).

Altura das letras: 5. Espaços: 1 e 7: 2; 2 a 6: 2,5.

Paginação bastante cuidada, com puncti distinguentes ainda visíveis entre quase todas as palavras e siglas, sendo aceitável a transliteração da primeira sílaba do epíteto. No final da l. 3 existem vestígios do G. No final da l. 5, não se consegue saber se foi gravado um C ou um G, e, à semelhança de outras desinências do dativo, parece pouco provável (mas não impossível), por falta de espaço, uma terminação em -cui.

Mais uma dedicatória a uma divindade do «grupo Band-» (²). Relativamente ao epíteto surge-nos a dúvida sobre se o radical seria Onc-, derivado do antropónimo Oncus (³), ou, como seria de esperar, Long-, com a evolução toponímica Longobriga > Longobria > Longroiva, desde há muito proposta (⁴). Um muito reduzido traço vertical antes do O, na l. 4, poderá não ser derivado do punctus mas sim o que resta de um L. A ser assim, este

⁽²⁾ Sobre o radical deste teónimo, epítetos, e sua distribuição, vide José d'Encarnação, Divindades... (= DIP), p. 119 e segs.; idem, em Additamentum a F. Bandeira Ferreira e J. Mendes de Almeida, Uma árula a Banduaetobricus, «Conimbriga», XV, 1976, p. 139 e segs. (com mapa).

⁽³⁾ Vide M. Lourdes Albertos Firmat, O. Hisp., p. 172.

⁽⁴⁾ J. Leite de Vasconcelos, Religiões da Lusitânia, II, Lisboa, 1905, p. 34 nota 3 e mapa (e posteriormente outros autores), independentemente de Lancobriga...

monumento vem confirmar aquela evolução toponímica, que até aqui não passava de uma suposição.

A antroponímia é latina e trata-se certamente de um indígena que (pelos *tria nomina*) terá adquirido a cidadania romana depois de cumprir o serviço militar.

Pela paleografia, deve ser de princípios do séc. 11 d.C. (5).





Гото 44

⁽⁵⁾ Já depois de concluído este estudo, e contrariando a informação que possuíamos, encontrámos uma referência a este monumento em M. Gonçalves da Costa, *História do Bispado e Cidade de Lamego*, vol. II, Lamego, 1979, p. 255, nota 23: ...OM(?)LIVS/(?)OÑA (?) S/EU LEC/FRANDIV/NCORRIO/V.S.L.A. No entanto, dada a ausência de interpretação e a diferença da leitura, parece-nos legítimo considerar o texto praticamente inédito.

ARA VOTIVA DE CORISCADA (MEDA)

(Conventus Scallabitanus)

Гото 45

Há cerca de dois anos, ao efectuar obras de restauro na sua residência, em Coriscada, o Sr. António Pascoal retirou da parede esta ara que mantém em seu poder (¹). É de granito de grão médio da região e foi certamente recolhida junto da aldeia, onde abundam vestígios de ocupação em época romana.

Aquando do seu reaproveitamento foi partida, na vertical, tendo também sido picados os toros do capitel (dos quais restam vestígios na face posterior). Acima dos toros, por não apresentar vestígios de qualquer outra ornamentação, teria uma cornija simples, sem fóculo. A base é de quatro toros, seguidos de cunha para fixação num soco.

Campo epigráfico: $27.5 \times 25(?)$.

IOVI · O[PT]/VMO · M[AX]/VMO · SA[CR]/VM · /5 VICANI · S[...]/GOABOAIC(enses).

⁽¹) Tivemos conhecimento deste monumento através do P.º Élio Ramos, pároco desta aldeia, que o havia identificado, nos auxiliou no seu estudo (já então por ele iniciado) e nos convidou a publicá-lc.

Consagrado a Júpiter Óptimo Máximo. Os habitantes de S(...)agoaboaic(um?) (mandaram erigir).

Altura das letras: l. 1: II = 5, V = 4, primeiro O = 3,5, segundo O = 4,5; l. 2: 3; l. 3: 2,5, S = 4,5; l. 4: 2,5; l. 5: 2,5 aumentando até 5; l. 6: 3,5 diminuindo até 2,5. Espaços: 1: 0,5 no primeiro I, 2,5 no primeiro O e 1,5 no segundo O; 2: cerca de 1; 3: 1; 4 e 5: 0 (entre as ls. 3 e 5 = 1); 5: 0; 6: 0,5; 7: 2 aumentando para 2,5.

Na l. 3 nota-se o arranque do A, na l. 5 o do S e na l. 6 o do C. Caracteres rústicos gravados por um lapicida pouco hábil, não utilizando nunca o mesmo módulo para a mesma letra, o que é notório, por exemplo, nos MM. Não se notam travessões nos AA e o G é de haste curta inclinada para fora; é notório o arredondamento dos vértices.

Utilizaram-se *puncti distinguentes* entre todas as palavras, tendo existido a preocupação de separar o formulário de consagração da identificação dos dedicantes.

Mais uma dedicatória a Júpiter, aqui com os epítetos de Óptimo e de Máximo (2) (sendo já vulgar a vacilação $i > \ddot{u}$).

Mas não será para admirar a existência deste culto num *vicus* que, pela proximidade da sede (5 km a noroeste), pertenceria à *civitas Aravorum*, onde o mesmo culto se praticava (CIL II 428) e onde, ao que parece (3), existia mesmo um templo.

É pena, no entanto, que se não possa reconstituir o topónimo, a que deverão faltar apenas duas letras, e para o qual preferimos não fazer qualquer conjectura.

Este monumento deve ser de finais do séc. 11 ou princípios do séc. 111.

⁽²⁾ Sobre a distribuição do culto a Júpiter em Portugal com os seus vários epítetos, vide: Jorge Alarcão, *Portugal Romano*, 2.ª edição, Lisboa, 1974, pp. 210/211; e José d'Encarnação e F. Geraldes, *Júpiter Supremo Sumo*, *uma inscrição inédita de Orjais*, in «Conimbriga», XXI, 1982, pp. 137/142 (com notas sobre outros achados).

⁽³⁾ Frei J. de Santa Rosa de Viterbo, Elucidário..., s.v. «Aravor».



Гото 45

FRAGMENTO DE ARA VOTIVA DE MARIALVA (MEDA)

(Conventus Scallabitanus)

Гото 46а

O Rev. P.º Élio do Nascimento Ramos, residente em Marialva (¹), recolheu na própria vila (onde havia sido reutilizado) este fragmento, que mantém em seu poder.

É de granito de grão fino e tipologicamente semelhante a uma outra pedra já conhecida (CIL II 428 = ILER 153), com a mesma proveniência, dedicada a Adriano, que se conserva no Museu Regional da Guarda.

Agradecemos-lhe ter-nos possibilitado o estudo deste monumento e o auxílio que nos prestou.

Devemos também lamentar o abandono a que sempre estiveram votadas as ruínas da sede da civitas Aravorum, na devesa de Marialva. Tanto aqui como na própria vila são visíveis, dispersos, testemunhos do passado que urge salvaguardar. Ainda se vêem bases de colunas do possível templo dedicado a Júpiter e, recentemente, foi destruída uma estrutura da qual o referido sacertote recolheu (e guarda) vários fragmentos de tubagem de chumbo que, alternadamente e dos dois lados da junta de soldadura, com caracteres de 2 cm de alture, possuem a marca EX OFFICI(na) IVL(ii) FLACCILIANI, com o F, de dimensões mais reduzidas, incluso no L que o antecede (Foto 46b). Esta marca — que M. Gonçalves da Costa (História do Bispado e Cidade de Lamego, vol. II, Lamego, 1979, p. 259) leu: Ex oficio Ullaciliani — tanto pode corresponder a uma oficina dos Aravi (tanto mais que Flaccilianus é um derivado de Flaccilius < Flaccus, identificando-se este último no monumento agora publicado), como a alguma outra dos Medubrigenses, qui plumbari sunt (Plínio, N.H., IV, 118), seus vizinhos a ocidente.

Possuía moldura de filete periférico, com 3 cm dos lados e 4,5 cm em baixo, sendo aqui ocupada pelo formulário final. Possivelmente não lhe faltariam, no capitel, dois toros e fóculo baixos e rectangulares.

Dimensões: $24.5 \times \frac{30}{26/22} \times 17$

Campo epigráfico: $14(?) \times 24$.

[... ...] / VS · FLACCI (filius) / COBELCVS / V(otum) L(ibens) A(nimo) S(olvit)

Altura das letras: l. 1: 4.5; l. 2: 4 (OO = 3); l. 3: 4. Espaços: 1: 1 (mais o que resta da linha anterior); 2: 1 em C, 1.5 em O, 0.5 em E e 1 em C; 3: 0.5 em C, 1.5 em O e 1 no restante.

O seu mau estado de conservação não permite uma boa leitura. Há vestígios de uma linha anterior e nas que restam existem várias fissuras.

Estamos apenas perante a antroponímia do dedicante, e para o cognomen Cobelcus não encontramos paralelo (2). Esperemos que novos achados nos elucidem sobre a antroponímia dos Aravi.

Esta inscrição deve ser da segunda metade do séc. 11.

⁽²⁾ A este cognomen parece corresponder a abreviatura COBEL- da inscrição CIL II n.º 433 (que está em Barca d'Alva), cuja leitura, corrigida pelo Prof. Martín Valls, da Universidade de Salamanca, agradecemos à Prof.ª Maria de Lourdes Albertos:

MODESTVS . AMBATI . F. CO/BEL . AN . LX . CORNELIA / GENSVLIA . AN . L . H.S.S.S / V.T.L. C. AMMIVS . MODE/STINVS . PATRI . FIRMVS / MODESTI . LIB . PATRO(no)



Fото 46a



Fото 46b

ESTELA DE MARIALVA (MEDA)

(Conventus Scallabitanus)

Гото 47

Na devesa de Marialva (sede da *civitas Aravorum*) e fazendo parte do cunhal nordeste do palheiro do Orvilhão, deitado sobre o lado esquerdo, está este monumento que foi certamente recolhido no próprio local e do qual tivemos conhecimento através de um familiar nosso. É de granito de grão médio, de afloramentos da região.

Deve ser uma estela funerária, embora o texto não no-lo indique directamente. Devido à existência de uma garganta que separaria o capitel (?) de um possível fuste (fracturado), poderá pôr-se a hipótese de uma coluna honorífica, para o que se encontraria paralelo num monumento de Meimoa (Penamacor) (¹). No

Petobi (gen.), certamente forma sincopada de Pentovius, já se identificou também em Lamas de Moledo (Castro Daire) (vide F. P. Curado, «Conimbriga»,

⁽¹) Trata-se de um monólito com mais de dois metros de altura, modificado e reaproveitado como cruzeiro em época recente. Está em posição invertida e já foi publicado: vide Mário Pires Bento, Inscrições Romanas de Meimoa, Beira Baixa, in «Actas del XIII Congreso Nacional de Arqueologia de Huelva», 1973, pp. 959 e ss. (e noutras publicações posteriores). No entanto, aproveitamos para fazer a correcção da sua leitura:

[—] M. Bento: BOVTI / F(ilio) ET OB M(erita) / QIVS / VIVO / MAELO / CILI F(ilius) / DONAV(it) / ET DED(icavit) (?)

[—] propomos: [(in honorem?) ...] / BOVTI / PETOBI . F(ilii) / (cui)

CIPVS/VIVO/MAELO/CILI(i) . F(ilius) . / DONAV(it)/

ET P(ecunia) S(ua) . F(ecit)

entanto, o mais provável é que a parte inferior se destinasse a ficar enterrada.

Dimensões: $102 \times \frac{49/46}{38} \times 27,5$.

Campo epigráfico: 1.ª cartela 29×33 ; 2.ª, $26.5 \times 32/31$.

PARAMA/ECO · BOV/ATI (filio) STAT/VERVNT //5 FILI(i) SVI / ET TAN/CINVS / CILI(i) (filius).

A Paramaeco, (filho) de Bovato, os seus filhos e Tancino, (filho) de Cílio, erigiram (esta memória).

Altura das letras: l. 1: 6/6,5; l. 2: 5,5/7; l. 3: 6,5/7; l. 4: 6/6,5; l. 5: 7/6 (L = 5,5); l. 6: 5,5/7; l. 7: 5/6; l. 8: 4,5. Espaços: 1: 1; 2: 1 (0 entre A e B); 3: 1,5/1; 4: 0,5 (0 entre A e V); 5: 0; 6: 0/1,5; 7: 1; 8: 1,5/0; 9: 1/0; 10: 0,5/0.

Para evitar a translineação do verbo entre as duas cartelas, optou-se pela translineação do ditongo -ae-, gravando as letras sobre a moldura: a primeira à direita e a segunda à esquerda.

Apenas é visível um *punctus* na l. 2. Paginação muito deficiente, com as linhas descaídas para a direita na 2.ª cartela, o que obrigou à utilização de um módulo reduzido na l. 8.

Além de realçar a persistência do ditongo -ae- em Paramaecus, que aparece pela primeira vez como antropónimo (embora já seja conhecido como teónimo), é também de assinalar o seu aparecimento conjuntamente com Bovatus, igualmente identificado pela primeira vez (²). Este facto pode ajudar-nos a aceitar (ou confirmar)

XVIII, 1979, p. 143), onde, por proposta de Maria de Lourdes Albertos, se deverá ler CABV/REINA/E em lugar de CABV/RFINA/E. Também, neste monumento, propomos que se leia TONGETA em lugar de LONGETA.

⁽²⁾ Sobre paramus (= meseta, altiplanície), Paramaecus, Paramecus, Paramo e Amparamus, vide M. Lourdes Albertos, O. Hisp., pp. 176/177 (e «Correcciones...», «Emerita», XLV, 1977, p. 47); idem N.A.H., «Emerita», XXXIII, 1965, pp. 137/138, e N.A.H., «Emerita», XL, 1972, p. 11.

Sobre o radical bov- (= boi, vaca), Bovana, Bovalus, Bovius, etc., vide M. Palomar Lapesa, O. Lus., p. 49; e M. Lourdes Albertos, O. Hisp., pp. 59/60, idem, N.A.H., «Emerita», XXXII, 1964, p. 231.

a natureza agro-pastoril da população indígena desta região ocidental da Meseta. Quanto a *Tancinus* e *Cilius*, são vulgares na antroponímia da região «lusitana».

Pela paleografia e, se se tratar de uma estela, pelo uso do dativo, este monumento deve ser de meados do séc. II (3).



Гото 47

⁽³⁾ Já depois de concluído este estudo, encontrámos uma referência ao monumento em M. Gonçalves da Costa, *História do Bispado e Cidade de Lamego*, vol. II, Lamego, 1979, p. 260, sem qualquer interpretação da leitura, que é a seguinte: *Aram co . Bovatista verunt Fili svi Etian cinus cili.*

INSCRIÇÃO RUPESTRE DE NUMÃO (VILA NOVA DE FOZCÔA)(1)

(Conventus Scallabitanus)

Гото 48

Numa superfície de fractura de um afloramento granítico, junto ao antigo caminho que dava acesso ao cabeço onde se situa o castelo medieval de Numão e onde anteriormente terá existido um vicus (2), foi gravada esta memória, sem qualquer preparação prévia do suporte. Fica em terrenos que actualmente pertencem a António Manuel dos Reis.

A inscrição ocupa uma superfície com, aproximadamente, $30/25 \times 75$.

⁽¹⁾ Quase não deveria considerar-se como inédita esta inscrição rupestre, pelas várias referências que lhe têm sido feitas. Ainda assim, e apesar de Hübner (CIL II 5028) propor, para a l. 2, fecer(u)nt, pessoalmente, consideramo-la como tal. Anteriormente referiram-se-lhe:

[—] Frei Joaquim de Santa Rosa de VITERBO, Elucidário das Palavras, Termos..., 1798, s.v. «Numan»: transcreve ASNING VIA / ItIICHRN, mas não dá leitura;

J. A. Pinto Ferreira, Antiguidades de Numão, Porto, 1953, p. 14: cita Viterbo, não transcreve nem dá leitura e, mais adiante, apresenta foto infelizmente pouco nítida;

Mário Saa, As Grandes Vias da Lusitânia, Lisboa, 1960, tomo III, livro X, p. 336, com leitura bastante fantasiosa;

[—] José d'Encarnação, Divindades Indigenas..., Lisboa, 1975, p. 206: põe como hipótese muito remota a possibilidade de esta inscrição ser a mesma que GIL II 430, desaparecida, de Freixo de Numão (Vila Nova de Fozcôa), transcrevendo Viterbo.

⁽²⁾ Há notícia do aparecimento ali de vários materiais de época romana.

$AS(s)\overline{ANIANC}(enses) \cdot VIA(m) / FECERVNT$

Os As(s)anianc(enses) construíram a estrada.

Altura das letras: l. 1: 14,5 diminuindo até 12; l. 2: 13 diminuindo até 10.

O E encontra-se grafado com dois II e o F como um I seguido doutro I mais pequeno na metade superior.

Como é evidente, trata-se de uma via vicinal. O topónimo seria As(s)aniancum, derivado dos radicais ass- («açor») e ank- («dobrar») (³). Quanto à civitas a que pertenceria, teremos que hesitar entre a dos Banienses e, mais provavelmente, a dos Meidubrigenses. E quanto à via referida (enquanto não for efectuado um estudo profundo da viação desta região), também teremos que hesitar entre uma ligação com Ranhados e outra com Freixo de Numão, onde poderia entroncar com uma via publica, que, depois de transpor o Douro na região do Pocinho, ligaria ao Vale da Vilariça.

Esta inscrição deve ser de meados do séc. 11 d.C.





Гото 48

 $^(^3)$ Vide M. Lourdes Albertos Firmat, O. Hisp., pp. 37 e 24, respectivamente.